

# Oceano Índico: Globalização<sup>1</sup>

Therezinha de Castro\*

Estudo do Oceano Índico. Apresenta uma síntese de suas características geográficas e geopolíticas, resalta seu importante papel na evolução histórica do Mundo e sua inserção na fase multipolar das concorrências, da globalização e da regionalização que ele assume na atualidade.

**C**ostuma-se dizer que o Mediterrâneo foi o oceano do passado e o Atlântico o do presente; O W. Freiman garante que será do Pacífico o futuro – o Índico. Onde enquadrá-lo?

Antigo *Mar das Índias*, situa-se entre a Ásia e a África, *amplamente aberto* no setor meridional para as águas antárticas, caracterizando-se, no norte, pela *intra-continentalidade*. Essa última característica valeu-lhe, entre os antigos, a idéia de nada mais ser do que um *vasto golfo do Oceano Austral*.

Se considerarmos como existentes os Glaciais Ártico e Antártico ou aceitarmos, como alguns geógrafos, apenas três oceanos distintos – Pacífico, Atlântico e Índico, este último, *o menor de todos*, fica reduzido, no primeiro caso, de acordo Vallouax, a uma área de 42.379.000 km<sup>2</sup> atingindo, no segundo, 75.000.000 km<sup>2</sup>.

Enquanto o Atlântico apresenta-se com a forma de um “s” e o Pacífico vagamente circular, o Índico evoca a *imagem de um “w” invertido*, ou de *imenso golfo com dois braços* – o Mar de Oman e o Golfo de Bengala, separados pela Península Indiana.

Enquanto o Pacífico e o Atlântico se abrem para os

pólos, o Índico o faz unicamente para a Antártica, o que lhe concede *um regime de ventos muito especial favorável a navegação*. Trata-se da *monção*, do árabe “*mawsim*” – significando originalmente mercado – fenômeno essencialmente sazonal, produzido em períodos fixos.

Existem, assim, duas monções distintas: a que sopra do Índico para a África Oriental, de outubro a abril, e a do Sudeste, ou do Verão, seguindo na direção oposta, de junho a setembro.

Geralmente benfazejas, as monções conseguem, por vezes, causar desastres como inundações na Índia, quando de sua inversão, enquanto uma monção sucede

\* Professora do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra.

<sup>1</sup> Selecionado pelo PADECEME.

a outra, provocam violentos ciclones no Mar de Oman e no Golfo de Bengala.

No seu setor equatorial, o Índico é percorrido pelos *alísios e contra alísios*. Esses últimos, no hemisfério sul, causam ciclones e tempestades nas imediações de Madagascar, onde Bartolomeu Dias, regressando da viagem de posse oficial do Brasil (1500), encontrou a morte. Já os alísios, soprando ao norte do equador, são mais favoráveis à navegação, sendo por isso chamados de *ventos do comércio*.

A despeito de tudo, o Índico é o *mais clemente de todos os oceanos* e, para os navegadores, seu verdadeiro centro foi sempre a Índia que, por se constituir no eldorado dava, no plural (Índias), o próprio topônimo a toda a Ásia, no período que antecedeu as conquistas oceânicas das grandes navegações.

## PERÍODO DE CONQUISTAS

Antes da chegada dos portugueses, os árabes eram, na prática, os donos absolutos do comércio na parte ocidental do Índico. Mantinham contacto com os

chineses e malásios, que não os impediam de manter entrepostos de especiarias no Estreito de Málaca, e até penetrar nos mares da Insulíndia, já no Pacífico.

Justifica-se, assim, ter sido *Ahmad Ibn-Madjid*, natural da cidade de Djulgar, em Oman, o célebre *piloto árabe que guiou Vasco da Gama*, em 1498, de Melinde a Calicut, experiente que era desde a adolescência a cortar o Índico em todas as direções.

A *caravela* que La Varende classificou como *o pequeno navio-rei do século XV, propiciou, aos portugueses, a conquista do Índico*, onde tiveram que enfrentar sérios conflitos com a pirataria e, em consequência, elaborar uma estratégia para assegurar posições-chave nessas águas. Estratégia que levaria os portugueses chegando a Índia, a expulsarem de lá os árabes, para substituí-los no *domínio do Índico e de todo o comércio oriental*. A ação planejada por *Afonso de Albuquerque*, em *autêntica visão oceanopolítica*, que começou com a implantação de Goa e assinaturas de Tratados com soberanos estabeleci-

dos em áreas importantes para o comércio.

As posteriores lutas contra hindus e turcos otomanos não impediram que os portugueses se estabelecessem em Goa, Diu, Damão, Salsette, Basein, Chaul, Bombaim e Ilha de Ceilão. Nessa ilha, com 65.610 km<sup>2</sup> que aponta para a Índia, *Colombo*, com Goa de um lado e Málaca do outro, iria se constituir no *dispositivo essencial português no Índico*.

Na ocupação de pontos estratégicos incluiu-se a *Passagem do Cabo*, e, na contra-costa, ou seja, na África Oriental, onde a situação portuguesa foi sobretudo precária pela presença maciça dos árabes, *Moçambique* seria o principal ponto de apoio. Na famosa *Costa dos Piratas* do Mar de Oman os portugueses se fortificaram no *Estreito de Ormuz*. No Extremo Oriente, fora do Índico, já na área do Pacífico que, em Tordesilhas (1494), dividiam com os espanhóis, ocuparam as ilhas da Insulíndia, entre as quais o *leste de Timor*; no continente, *Cantão e Macau* e, no maior extremo, as *Molucas*, talvez o mais rico empório de especiarias da zona.

Foi a fase áurea do período comercial português, em aparato de implantação de poder naval com base no Oriente, em colonização oficial essencialmente periférica, que se estendeu de 1498 até 1549. Durante todo esse período, já na posse oficial dos portugueses desde 1500, o Brasil seria precariamente mantido pela colonização particular periférica.

A fundação de Salvador (1549) e conseqüente criação do Estado do Brasil unido ao Reino de Portugal e Algarve, mudando os paradigmas portugueses (de comerciantes para agricultores) assinala o início do revés desse povo no Índico.

Concluimos, pois, com Virgílio de Carvalho, que nomeadamente Portugal foi quem descobriu e utilizou em primeiro lugar a importância estratégica dos Choke Points (regiões de convergência obrigatória de rotas oceânicas), em cujo controle o genial Afonso de Albuquerque alicerçou o império ultramarino português, e que os Estados europeus,

que séculos depois lhe copiaram a estratégia, utilizaram para fim idêntico.

## FASE DAS CONCORRÊNCIAS

O monopólio português no Índico deixaria de ser mantido a partir de meados do século XVI, no momento em que esse espaço oceânico, elo de ligação Europa/Ásia, entrava na mira dos mercadores de Antuérpia e Amsterdam, bem como nos planos dos governos de Paris e Londres.

Era o caso da bipolaridade Espanha/Portugal e advento da fase transitória da multipolaridade Holanda/França/Inglaterra, que teria, além das Américas, também o Índico como uma das arenas.

A tática holandesa, iniciada em 1597, contra pontos de apoio portugueses, seria em geoestratégia inversa, ou seja, em vez da Índia, a Indonésia, centro ativo do comércio das especiarias. Em 1602, se estabeleciam em Bantan, na Ilha de Java, ocupavam Málaca

(1641), o Ceilão (1658) e, só então, fechavam o circuito no Cabo (1668).

Os franceses, como os espanhóis bem mais afeitos ao Poder Terrestre, haviam constituído, desde 1642, a Sociedade do Oriente, ou de Madagascar; mas só em 1668 instalavam, em Surat, na Índia, sua primeira feitoria – nessa mesma Índia onde, no mesmo ano, se impunha o dualismo anglo-francês, com a ocupação de Bombaim pelos ingleses.

O Congresso de Viena (1815) marca o início da talassocracia da Inglaterra no Índico que, do Cabo da Índia e do Ceilão atingia a Austrália. Destaca-se então a conquista da Índia<sup>2</sup> como acontecimento inédito, já que, pela primeira vez, uma nação européia conseguia subjugar por completo um grande Estado asiático.

Estava decretado o fim do monopólio, desapareciam as companhias de comércio, enquanto se impunha a nova burguesia da revolução industrial substituindo a burguesia mercantil. As feitorias instaladas para o comércio das especiarias vão sendo substituídas por colônias de povoamento, com destaque, entre essas, nos dois

<sup>2</sup> Muito embora tenham os portugueses mantido Goa, Diu e Damão e os franceses Pondcherry, Karikal, Chandernagor, Mahé e Yanaon, em 1877 a Rainha Vitória tomava o título de Imperatriz das Índias.

extremos do Índico, para a África do Sul e a Austrália.

Entrava-se na era da navegação a vapor e a primeira travessia do Índico pelo "Enterprise", em 1825, levou, via passagem do Cabo, entre Falmouth e Calcutá, 113 dias.

A abertura dos portos chineses ao comércio estrangeiro e a entrada no mesmo dos Estados Unidos põem em ação a utilização dos *clippers*, propiciando efetuar o trajeto ainda mais longo entre Inglaterra e Austrália, via passagem do Cabo, no tempo recorde de 70 a 65 dias.

A descoberta do ouro na Califórnia (1848) levava os Estados Unidos a darem maior preferência a rota do Pacífico via Cabo Hornos. Ao mesmo tempo em que o advento das ferrovias transcontinentais uniam América do Norte, Europa, Ásia, num enlace Atlântico/Pacífico e vice-versa, a longa navegação pelo sul, via Passagem do Cabo, ou Cabo Hornos, iria ser contornada pela abertura de dois canais artificiais: Suez (1869) e Panamá (1914).

A abertura de Suez seria acontecimento de valor con-

siderável na História do Índico: primeiro por impor, em definitivo, o termo *Oriente Médio*, dando-lhe, em seguida, lugar no âmbito das Relações Internacionais, quando o petróleo suplantou o uso do carvão; segundo, por implantar um novo colonialismo europeu, onde a África e a Ásia são envolvidas pelo expansionismo também germano-italiano; e terceiro,

integração da área circunscrita no Índico, desde o Trópico de Câncer ao de Capricórnio, dentro do contexto europeu. O que levaria René Grousset a indagar: *Os europeus que atualmente dominam, controlam ou controlam 870 milhões de asiáticos e muçulmanos africanos, conservarão sobre eles, ainda por muito tempo, a sua hegemonia?*

**Antes da Primeira Guerra Mundial, só existiam oito Estados soberanos na África e na Ásia e, dentre esses, apenas o Japão era visto seriamente como uma potência.**

por conceder acesso a esse oceano duas opções, a do Cabo e Suez, destacando não só os estabelecimentos portuários do Oriente, mas também as escalas secundárias africanas de East London, Port Elisabeth, Durban, Lourenço Marquez, Beira, Dar-es-Salaam, Mombaça, Djibuti, Tamatave e Diego Suarez.

Era, em conjunto, dentro do enfoque geopolítico, a

## DESPERTAR GEOPOLÍTICO

No período de entre-guerras, quando Grousset fazia sua indagação, nessa área do Índico, entre Câncer e Capricórnio, já começara a se impor a *antítese Oriente/Ocidente*.

Em 1922, havia terminado o protetorado inglês no Egito. Logo após o término da Segunda Guerra Mundial, ficavam independentes a Indonésia (1945), a Índia e o Paquistão (1947), o Ceilão e a Birmânia (1948), enquanto a China se tornava comunista (1949).

Retiravam-se as metrópoles européias e, no seu despertar geopolítico, o Índico era incluído no contexto da Guerra Fria, para

se transformar no tabuleiro do jogo de xadrez da nova bipolaridade Estados Unidos/União Soviética.

Os 29 governos afro-asiáticos que se encontravam em Bandung (1955), na Indonésia, mostravam a *mudança que se operava no mundo ainda colonizado*. Antes da Primeira Guerra Mundial, só existiam oito Estados soberanos na África e na Ásia e, dentre esses, apenas o Japão era visto seriamente como uma potência. No mundo afro-asiático, incluindo-se os domínios árabes do Império Otomano que se desmoronou em 1918, predominavam regimes ou influências de países da Europa, dos Estados Unidos e da Rússia.

Bandung pregava o *não-alinhamento e anti-colonialismo* e reações contra a conclusão da OTASE (Organização dos Tratados da Ásia e Sudeste Asiático),<sup>3</sup> instrumento de defesa coletiva contra a expansão comunista, imitando a OTAN.

Assim, a *Conferência Afro-Asiática de Bandung*, espécie de *Santa Aliança*

*Oriental*, procurou unir o *Índico de Câncer*, a fim de eliminar os últimos vestígios do colonialismo europeu dentro dos princípios do *Panch Shila*, ou seja, os cinco tópicos sagrados da coexistência pacífica. Mas deixava o *Índico de Capricórnio* para mais tarde, com a descolonização prematura imposta pelos Estados Unidos e pela União Soviética.

A partir de 1990, se desfazia o Eixo Leste/Oeste, dinamizado pela bipolaridade entre o Kremlin e o Pentágono. Começam a se implantar os *Eixos Norte/Sul*, na multipolaridade de blocos econômicos centrados em três Estados diretores: Estados Unidos, Alemanha e Japão.

E, nessa nova fase *multipolar* das concorrências e *globalização* procura se contrapor ou atenuar um esboço de *regionalização*, que, em 1951, preconizava o geógrafo inglês W. Kirk, para os países do Índico, numa autêntica *comunidade oceânica*, em vista da *complementaridade entre os*

*mundos de Câncer e de Capricórnio*.

O regionalismo no Índico procura tomar nova forma na Conferência realizada em março de 1995 na Ilha Maurícia, que recebeu o nome de *Indian Ocean Rim Initiative International Meeting of Experts*, da qual participaram Austrália, Índia, Indonésia, Filipinas, Malásia, Singapura, Tailândia, Brunei e Vietnam.<sup>4</sup>

Esse movimento de aproximação, dentro dos moldes de cooperação internacional e segurança coletiva idealizado após a Guerra do Golfo, lembra, sobretudo, a ZCPAS (Zona de Cooperação e Paz no Atlântico Sul) organizada em seguida à Guerra das Malvinas.

Na primeira reunião da Ilha Maurícia, os representantes dos 7 Estados destacaram entre seus objetivos principais:

- o da existência de uma *História comum*, envolvida por interesses comerciais e econômicos que extrapolou o escalão regional para se envolver no mundial;

- o de buscar, numa cooperação, utilizar melhor seu *potencial humano*, *valorizando a exploração dos*

<sup>3</sup> Reunindo França, Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia, Filipinas, Paquistão e Tailândia.

<sup>4</sup> Destacando-se que, no grupo Brunei, Filipinas e Vietnam não são países do Índico.

recursos naturais do Índico;

- o de ter sempre por base o respeito à *soberania dos Estados*, sua integridade territorial, não intervenção em questões internas e coexistência pacífica;

- o de não abrir mão das *relações bilaterais ou multinacionais*, estendendo o fórum a todos os Estados ribeirinhos.

Criava-se, então, um grupo de trabalho para lançar as bases de um órgão permanente, o *Indian Rim Business Forum*.

Para a *Austrália*, o Oceano Índico foi sempre mais presente no seu contexto geoestratégico associado a segurança e desenvolvimento de seu comércio, em face do tráfico marítimo bem mais ativo que o do Pacífico. Daí a escolha da cidade australiana de *Perth*, para sede da 2ª reunião, em junho de 1995, na qual, já 23 países<sup>5</sup> compoem o IFIOR

(*International Forum on Indian Ocean Region*), organizavam uma lista de 26 *Organizações afeitas ao projeto Índico*.

A Austrália tem, como meta principal, a criação do *Economic Working Group* para maior dinamização da cooperação entre os países ribeirinhos do Índico, propondo-se a instalar o *New Indian Ocean Center*, em Perth, para que seu governo possa prosseguir com o diálogo na região.

A terceira conferência, realizada em dezembro de 1995, em Nova Deli, recebeu o título de *The First Regional Conference of the Indian Ocean Research Network*. Entre as medidas acordadas, se destacaram a de se proceder a um *zoneamento econômico do Índico*, para melhor facilitar os contactos na área, e a de se estudar as *tomadas de decisões* conjuntas em face os blocos econômicos mundiais, para sua melhor aplicação entre os países do Índico.

No contexto geral, essas três conferências preliminares fixaram objetivos bem ambiciosos, que contaram com o apoio dos *três importantes países envolvidos na*

*geoestratégia triangular do Índico: a Índia, a África do Sul e a Austrália*.

A Índia, no vértice da *espinha dorsal oceânica*, envolvida pelas reentrâncias do Mar de Oman e Golfo de Bengala, é a 7ª potência naval do Mundo. Seu comércio se realiza, em cerca de 90%, pelo mar e sua *Marinha Mercante* é, após a da China, das mais ativas no antigo Terceiro Mundo. Ocupa o *epicentro do setor continental envolvido no Trópico de Câncer*, onde havia 1/4 da humanidade.

A bioceânica *África do Sul*, no ângulo ocidental da base do triângulo geoestratégico, comanda a preciosa rota da *Passagem do Cabo*; daí haver sido o bastião dos ocidentais durante a Guerra Fria, também como detentora de *grandes reservas mundiais de produtos estratégicos* – platina (80,8%), manganês (70,8%), ouro (53,5%), vanádio (47,1%), cromo (46,4%) e urânio (16%). Ela divide a longa esteira oceânica com a bioceânica *Austrália*, dominando o ângulo oriental da base do triângulo geoestratégico. Bem *mais voltada para o Índico* do que para o Pacífico, participa

<sup>5</sup> Austrália, Bahrein, Bangladesh, Índia, Indonésia, Iran, Quênia, Kuwait, Madagascar, Malásia, Maldivas, Maurícia, Moçambique, Oman, Paquistão, Arábia Saudita, Seychelles, África do Sul, Singapura, Sri Lanka, Tailândia, Emirados Árabes Unidos e Iemen.

ativamente da circulação marítima dentro do contexto *transoceânico*. Destaca-se, ainda, na geopolítica do Índico, por controlar as *Ilhas Coco*,<sup>6</sup> na rota do petróleo proveniente do Golfo.

As *rotas oceânicas* do Índico não apresentam obstáculos entre o triângulo geoestratégico formado pela África do Sul, Índia e Austrália. No entanto, contrastam com a *ampla Passagem do Cabo* tendo, de um lado, a Antártica e, de outro, a *África do Sul*, servida pelas *Cidades do Cabo* (Atlântico) e *Porto Elizabeth* (Índico), os estreitos que mantêm a comunicação bem mais controlada para o Pacífico.

Nesse setor oriental, o posicionamento do *Estado-Ilha de Singapura* é caminho direto e mais rápido para o sudeste asiático entre o Índico e o Pacífico, no controle do *Estreito de Málaca*, com 15 km de largura, mas de menor profundidade que o mais meridional *Estreito de Sonda* (150 a 1.500 metros), no Arquipélago do mesmo nome pertencente a *Indonésia*.

Embora a Carta das Nações Unidas, em seu artigo 51, determine que cada país tem o direito natural de legítima defesa individual ou coletiva, não há, no contexto do Oceano Índico, um Tratado ou Acordo voltado para a geoestratégia regional.

Entre os *organismos concernentes à segurança* podem ser destacados: o *ANZUS* (Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia); o *Five Power Defense Arrangement* (Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia, Malásia, Singapura); o Conselho Regional dos Países do Golfo (Arábia Saudita, Kuwait, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Oman, Katar), etc.

A Associação das nações do Sudeste Asiático, ou ASEAN, (Brunei, Filipinas, Singapura, Malásia, Indonésia) embora criada para formar, até o ano 2.008, uma zona de livre comércio, pode vir a instituir um quadro de cooperação militar entre seus membros.

Sem poder manter no Índico sua própria presença militar, os países ribeirinhos terão que contar com os *Estados Unidos*, interessados na paz local, como bem ficou demonstrado na Guerra do Golfo.

## CONCLUSÃO

O Índico se caracteriza, em seu aspecto geral, como um oceano *largo no seu setor meridional* mas que, acima do equador *penetra em profundidade nas fimbrias continentais*.

No setor *leste*, apresenta *grandes profundidades*, assemelhando-se ao Pacífico. Mas é no *oeste* que reúne maior número de ilhas e arquipélagos que, das *Comores*, chega as *Seychelles*, descendo para as *Maldivas e Maurícia*. Em extremos opostos, *Diego Garcia*, posicionada no setor central, e *Socotra*, guardando o Golfo Pérsico e o Mar Vermelho, tiveram papéis geoestratégicos no contexto da Guerra Fria. A primeira como base dos Estados Unidos e, a segunda, abrigando a frota soviética.

O Índico é autêntico *cruzamento marítimo* entre o Atlântico, o Mediterrâneo e o Pacífico, guardando o *núcleo petrolífero do Oriente Médio* que abastece o Mundo Ocidental. Núcleo bastante instável, quer pelo problema da coexistência entre Israel e Países Árabes, quer por *ajustes de fronteiras* ainda por se fazerem que, além

<sup>6</sup> Propriedade particular da família Clunies-Roses.

do *separatismo curdo*, em território na trijunção Irã/Iraque/Turquia, ocasionou dois grandes conflitos, o da *Guerra Irã/Iraque* (1980-88) e o da *Guerra do Golfo* (1990-91).

A *instabilidade* é generalizada nas ribeiras do Índico, afetando por vezes o equilíbrio geoestratégico mundial. Envolve a *Índia e o Paquistão* disputando o *Cachemir*, atinge a *Cornucópia Africana*, onde se desentendem *afars e issas* no Djibuti, enquanto a *Etiópia e o Sudão* procuram englobar o *Deserto de Ogaden*. E, no *Sri Lanka*, onde o governo anda às voltas com o separatismo dos *Sikhs*, conseguiram, no norte da península, se unir, voluntariamente, a *Índia e o Sikim*, em 1975.

Dez anos depois, na *Reunião de Dacca* procurava-se formar a *União Sul Asiática*, entre o Bangladesh, Butan, Nepal, Maldivas, Paquistão, Índia e Sri Lanka.

Mesmo em se tratando do desejo de regionalização na base da cooperação mútua para se atingirem metas políticas e estratégicas, nas *três Conferências realizadas em 1995, o futuro do Índico é bastante incerto.*

Tendo em vista o efeito que a *revolução tecnológica* vem exercendo no âmbito das Relações Internacionais, *os espaços geográficos passaram a viver sob o signo das interferências e interdependências.*

Com a implantação dos Blocos de Mercado, com tentativas da *unificação de campos geopolíticos*, o fenómeno da *globalização* reativa a ideologia clássica do *Liberalismo*, num cenário de países que se envolvem em dois mundos opostos. O "Norte" reunindo a industrialização, detentora de tecnologia, procurando impor o *neocolonialismo* ao "Sul" que, "barbarizado" se vê condenado a *mendicância cultural*, visto que a adaptação a essa "Nova Ordem Mundial" traz, no seu bojo, na maioria das vezes, a *desorganização de sua economia*. Daí o paliativo da Regionalização frente a Globalização.

É nesse "Sul" que se concentra 80% da população da Terra, onde Estados desestabilizados são conduzidos a *implosão ou explosão de suas sociedades*. Indica assim a História dos últimos anos que *90% dos conflitos são de origem in-*

*terna, caracterizadamente sociais, nacionalistas, étnicos democráticos e fundamentalistas.*

Justifica-se pois a vontade que vem se esboçando no Índico de uma *Regionalização que possa vir, pelo menos, a amenizar a Globalização* se impondo num sistema internacional anárquico.

E, nesse contexto, a Demopolítica transforma-se na Biologia das Nações, permitindo aquilatar a integração ou desintegração de uma sociedade através do que se pode convencionar chamar de *Aritmética Geopolítica*. É através dela que se vem registrando um recuo potencial do "Norte" e um crescimento substancial do "Sul".

É na *aritmética geopolítica do Índico* que se somam os 40 milhões de *chineses* vivendo fora de suas fronteiras políticas e exercendo, por vezes posições chave em países da área, a começar pela Indonésia que foi ponto cobiçado pelos antigos colonizadores europeus. São, pois, considerados os *judeus do Oriente* podendo exercer, nas ribeiras desse oceano, influência decisiva no futuro da Grande China.

Esse Oriente, no qual se insere o Índico como ponto de passagem para o Ocidente, abriga *variadas religiões* – confucionismo, tativismo, budismo, hinduísmo, sikhismo, zoroastrismo e islamismo, notando-se, entre todas, que o *islamismo* não é tão-somente uma religião e, sim, uma civilização que já se faz notar, não só por seu *processo migratório para o Mundo Ocidental*, bem como pelo *processo político-radical do fundamentalismo*.

E, nesse quadro geopolítico, é provável que *a idéia de bloquear todo e qualquer acesso ao Índico* virá desencadear todo um processo de conseqüências internacionais, pois esse oceano, embora o menor de todos, mas girando na órbita do “Sul”, tem papel preponderante no âmbito das Relações Internacionais.

Por outro lado, é forçoso concluir que, na cronologia de seu processo histórico, no Índico, o *Nacio-*

*nalismo* conseguiu vencer o *Colonialismo*, impondo o *despertar geopolítico* no período que se seguiu a Segunda Guerra Mundial. Passando o período de expectativa e divisionismo imposto pela bipolaridade Leste/Oeste desfeita em 1990, na *fase multipolar de Globalização dos Eixos Norte/Sul*, começa a se delinear, embora muito timidamente, o *Regionalismo no espaço geopolítico do Índico*.



## ANEXO 1

PAÍS	CAPITAL	(KM²) ÁREA	(1994) POPULAÇÃO
1 – África do Sul	Cabo/Pretória	1.221.037	40,8 Milhões
2 – Arábia Saudita	Riad/Djidad	2.240.000	16,5 Milhões
3 – Austrália	Camderra	7.682.300	17, Milhões
4 – Bangladesh	Daca	147.570	122,2 Milhões
5 – Bahrein	Manama	69.526	500 Mil
6 – Djibuti	Djibuti	23.200	557 Mil
7 – Egito	Cairo	997.738	55.979 Mil
8 – Emirados Árabes	Abu Dabi	77.700	1,7 Milhões
9 – Eritréia	Asmará	121.144	3,0 Milhões
10 – Etiópia	Adis-Abeba	1.130.138	51,3 Milhões
11 – Iemen	Sanaa	536.869	13,0 Milhões
12 – Ilhas Comores	Moroni	1.862	497 Mil
13 – Índia	Nova Deli	3.287.263	896,6 Milhões
14 – Indonésia	Djakarta	1.919.443	194,6 Milhões
15 – Iran	Teheran	1.648.000	63,2 Milhões
16 – Iraque	Bagdad	438.317	18,9 Milhões
17 – Katar	Doha	11.437	520 Mil
18 – Kuwait	Kuweit	17.818	1,8 Milhões
19 – Madagascar	Tananarive	587.041	13,3 Milhões

ANEXO1 (Cont.)

PAÍS	CAPITAL	(KM²) ÁREA	(1994) POPULAÇÃO
20 – Malásia	Kuala Lumpur	329.758	19,2 Milhões
21 – Maldivas	Malê	302	230 Mil
22 – Maurícia	Port Louis	2.040	1,0 Milhão
23 – Mianmá	Rangum	676.522	44,6 Milhões
24 – Moçambique	Maputo	799.380	15,3 Milhões
25 – Oman	Mascate	300.000	1,7 Milhões
26 – Paquistão	Islamabad	796.095	128,1 Milhões
27 – Quênia	Nairobi	580.367	26,1 Milhões
28 – Seychelles	Vitória	454	71 Mil
29 – Singapura	Singapura	633	2,8 Milhões
30 – Somália	Mogadiscio	637.657	9,5 Milhões
31 – Sri Lanka	Colombo	65.610	17,9 Milhões
32 – Sudão	Khartum	2.505.813	27,4 Milhões
33 – Tailândia	Bangkok	513.115	56,9 Milhões
34 – Tanzânia	Dodoma	942.799	28,8 Milhões

Fonte: Abril Cultural (1995)

**BIBLIOGRAFIA**

- CARVALHO, Virgílio. *História Estratégica do Fim do Ultramar Português. Separata das Actas do IV Colóquio – A História Militar de Portugal no Século XIX*: Lisboa, 1993.
- COSTA BROCHADO. *O Piloto Árabe de Vasco da Gama*. Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique: Lisboa, 1959.
- FREEMAN, O. W. *Geography of the Pacific*: Londres, 1951.
- GROUSSET, René. *Le Réveil de l'Asie*: Paris, 1924.
- KIRK, W. *Indian Ocean Community*. Scottish Geographical Magazine. Volume 67 – Ano 1951.
- LA VARENDE, J. de. *La Navigation Sentimentale*: Paris, 1954.
- LABROUSSE, Henri. *Ocean Indien: Coopération Internationale et Sécurité Collective*. Défense Nationale. Juillet: Paris, 1996.
- TOUSSAINT, Auguste. *Historie de l'Océan Indien*. Presses Universitaires de France: Paris, 1961.
- VALLAUX, Camille. *Géographie Générale des Mers*. Librairie Félix Alcan: Paris, 1933.
- VIGARIÉ, André. *Géostratégie des Océans, Paradigme*. Caen, 1990.